

PLANTAS, GRAMA E FLORES: MEMÓRIAS EM TETRA PAK

AMANDA TRAPP JUNG DE SOUZA¹, KELLY WENDT²

¹Universidade Federal de Pelotas – atrappjung@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – kelly.wendt@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste resumo, a produção permeia uma perspectiva mínima das lembranças de pessoas presentes na minha vida. Aos meus olhos de criança pequenos detalhes de ações comuns em um ambiente rural eram capturados e guardados na memória. Plantas, grama e flores também faziam parte desse espaço, elementos que despertavam a atenção pelo detalhamento na composição do lugar. Esses traços partem de um lugar ínfimo na memória.

As imagens criadas em gravura em oco, propõem uma visão para fora do eu. Recortes visuais que possibilitam adentrar nesse ambiente íntimo de uma forma sintetizada por meio deste material ordinário, a tetra pak.

A gravura em oco¹ entrega um caminho limpo e mais natural ao processo até a impressão final. O tetra pak, material presente em caixas de leite, possibilita a execução desse método de gravura por possuir uma materialidade capaz de ser resistente e de proporcionar inúmeras formas de obter uma matriz. Cita a artista Marcela de la Torre:

A indústria os cria para uma finalidade específica e sua utilização é baseada na sua eficiência em termos econômicos-produtivos mas se nos afastarmos desses conceitos e olharmos para o material como fonte de novas possibilidades para a confecção de uma matriz de gravura, ele começa a abrir diante de nós um fluxo inesgotável de recursos para fazer arte. (TORRE, 2011)

Buscar esse meio para a criação desse trabalho se dá preferencialmente pela reciclagem. Agregar valor ao descartável potencializa a forma de ver o projeto, pensar na dualidade entre o que se é efêmero como as lembranças com algo interminável como uma embalagem.

2. METODOLOGIA

A escolha do tamanho pequeno para as matrizes começa a fazer sentido quando trato um pequeno pedaço de tetra pak como um vislumbre do lugar que as memórias estão ocupando. Foi selecionado dos que criaram essas memórias momentos específicos, tais como a época da colheita, as plantas, afazeres diários de pequena proporção mas que contém a essência de cada um. Essa captura da sensação desses determinados momentos estão gravados nesses processos.

Para que se obtenha o resultado desejado no papel é preciso respeitar algumas ordens, primeiro é necessário deixar o papel de alta gramatura imerso na água, em segundo cortar o tetra pak no tamanho desejável e criar finos sulcos sobre o material com uma ponta seca, como uma agulha. Com a finalização do desenho, é depositada a tinta a base de água, espalhando com uma leve pressão

¹ Processo de gravação e reprodução da imagem através de sulcos, fissuras, ranhuras e incisões que, tradicionalmente, utiliza-se a placa de metal como material.

com uma ferramenta chamada “boneca” em formas circulares para que a tinta entre totalmente nos vincos como mostra a figura 1. Após esse processo, a placa é limpa com cuidado e depositada junto com o papel úmido na prensa que finaliza a gravação. Alguns exemplos abaixo:

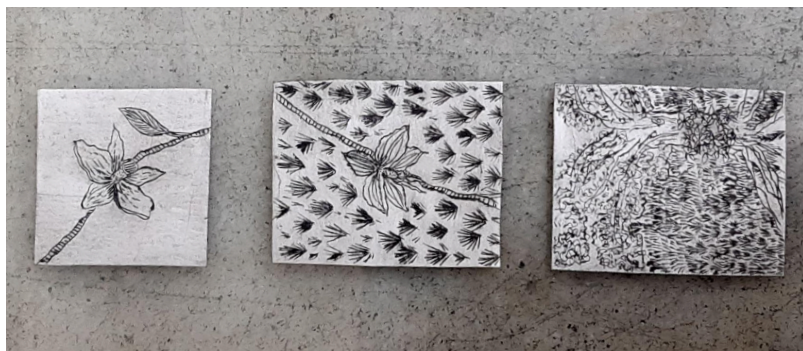


Figura 1: Amanda Trapp. Matriz finalizada e entintada. 2x2, 3x3, 2024.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi possível obter resultados satisfatórios ao final da impressão. Conseguimos ver a qualidade do traço em evidência, com a espessura da agulha foi atingido um bom grau de detalhamento, sua dimensão atribui conforto (Figura 2).



Figura 2 : Amanda Trapp. Orquídeas: Avó. 4cmx4cm, gravura em tetrapak/em oco, 2024.

A pequena escala tem o fator determinante na delicadeza do traço. É evidente que a escolha reduzida combinada com a linha fina se completa em uma composição harmônica e visualmente interessante quando atribuída a busca do espectador pelos pequenos detalhes. A escolha de manter o foco nas plantas é exclusivamente pela sua forma e proporções diminutas, e detalhadas. Gaston Bachelard diz:

“Mas acaso teremos tempo, neste mundo, de amar as coisas, de ver as coisas de perto, quando elas desfrutam sua pequenez?”

Uma única vez na vida, vi um jovem líquen nascer e estender-se sobre o muro. que juventude, que vigor na glória da superfície.” BACHELARD (1993).

Outro exemplo de uso com essa matriz é no tecido, processo no qual utilizei algodão cru e diferente do papel, não tem necessidade de molhar, (figura 4):



Figura 4: Amanda Trapp, Impressão no tecido, 10x15 2024.

A utilização desse material precário traz à cena gritos de um alerta ecológico assim como a breve validade da nossa percepção do mundo. Assim, criar memória a partir desse material volátil nos dá contrapontos para explorar imagens na arte contemporânea refletindo a permanência e a efemeridade da vida cotidiana. Como reflete o escritor Nicolas Bourriaud, "A própria vida social mostra-se mais frágil do que nunca, e os laços que a compõem são esfaceláveis."(2011).

4. CONCLUSÕES

Como resultado, a observação das memórias se mostrou bastante positiva nesse processo. As impressões formam uma coleção de memórias não mais presentes somente no campo imaginário, algo que demonstra o sucesso na tentativa. É possível perceber que as nuances das linhas finas criam uma sensação confortável ao olhar, e por se tratar de algo tão diminuto, o exercício de aproximar para enxergar gera a mesma ação inicial em que busco — trazer para mais perto e obter a sensação de se estar imerso naquele ambiente.

A memória é um disparador. A mesma possui uma característica que é a de ser terminável, sua duração se resume ao quanto alguém a alimenta. Trazer essa perspectiva a um trabalho que o resultado durará por muito tempo contrapõe a lembrança, algo tão frágil que não pode ser palpável. Atribuir esse sentido a um material tão simples fornece uma nova forma de pensar o fazer arte. Obter uma nova técnica na gravura, capaz de dar resultados tão complexos e remover a funcionalidade inicial a fim de proporcionar menos dano ao meio ambiente e ao gravador.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade, v.

BOURRIAUD, N. **Radicante por uma estética da globalização**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MIRAUDA, Ma. TORRE, M. **Grabado Verde**. Ograma: Santiago-chile, 2011.